

**PERNAMBUCANIDADE,  
NORDESTINIDADE, BRASILIDADE:  
POLÍTICAS CULTURAIS E  
CANONIZAÇÕES ACADÊMICAS DA  
CULTURA BRASILEIRA**

**PERNAMBUCANITY, NORDESTINITY, BRAZILITY:  
CULTURAL POLICIES AND ACADEMIC CANONIZATION  
OF BRAZILIAN CULTURE**

Fábio Leonardo Castelo Branco Brito<sup>1</sup>

**Resumo:**

Tomando como ponto de partida as tentativas de canonização acadêmica da cultura brasileira, ocorridas principalmente entre os anos 1960 e 1970, o artigo aborda os modos com os quais determinados personagens e instituições do contexto cultural político do período utilizaram-se de seus lugares de saber e poder como forma de estabelecer suas visões de cultura como vitoriosas. Trata, portanto, de modelos culturais propostos no período, tais como a luso-tropicologia de Gilberto Freyre, a sociologia marxista de Caio Prado Júnior e do movimento armorial de Ariano Suassuna, em torno dos quais circundam outros personagens que aproximam-se de suas leituras de Brasil. Cabe, no texto, analisar as maneiras com os quais essas perspectivas de Brasil e de cultura brasileira aproximaram-se ou distanciaram-se da ditadura civil-militar vigente no país.

---

<sup>1</sup> Doutor em História Social pela Universidade Federal do Ceará. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Colíder do GT História, Cultura e Subjetividades.

**Summary:**

Taking as a starting point the attempts at the academic canonization of Brazilian culture, which took place mainly between the 1960s and 1970s, the article addresses the ways in which certain characters and institutions from the cultural and political context of the period used their places of knowledge and power as a way of establishing their visions of culture as victorious. It deals, therefore, with cultural models proposed in the period, such as the luso-tropicology of Gilberto Freyre, the Marxist sociology of Caio Prado Júnior and the armorial movement of Ariano Suassuna, around which other characters circle who approach their readings. from Brazil. It is worth, in the text, to analyze the ways in which these perspectives of Brazil and Brazilian culture approached or distanced themselves from the civil-military dictatorship in force in the country.

*Introdução*

Em meados dos anos 1970, o historiador Carlos Guilherme Mota publicava sua tese de livre-docência, intitulada *Ideologia da cultura brasileira*<sup>2</sup>. Para ele, naquela tese, que almejava a cadeira de História Moderna e Contemporânea da Universidade de São Paulo, os amplos esforços que tentaram construir um lugar demarcado para essa cultura se conformavam através de cinco grandes períodos: o primeiro, de *redescobrimento do Brasil*, que, entre os anos de 1933 e 1937, abarcou teses de interpretação da realidade brasileira, tais como a obra de

---

<sup>2</sup> Tese de livre docência de Carlos Guilherme Mota, defendida em 1977, onde pretende pensar os pontos de partida para uma revisão histórica da cultura brasileira, com vistas a perceber os caminhos ideológicos que esta teria tomado ao longo da trajetória intelectual daqueles que buscaram conformá-la. Ver: MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*: pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Editora 34, 2008.

Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda; o segundo, dos *primeiros frutos da universidade*, que, entre 1948 e 1951, interligaria os debates marxistas de Caio Prado Júnior e seus contemporâneos; o terceiro, a *era da amplificação e revisão reformista*, datada entre 1957 e 1964, contemplando os debates de esquerda do período liberal-democrático brasileiro; o quarto, com as *revisões radicais*, percebidas entre 1964 e 1969, como tentativas de romper com a instrumentalização da cultura pretendida pelo regime civil-militar; e, por fim, os *impasses da dependência*, contemplando artistas e intelectuais tais como Florestan Fernandes, que analisariam o subdesenvolvimento brasileiro e suas matrizes históricas<sup>3</sup>.

O trabalho de Carlos Guilherme Mota, que instrumentalizaria uma periodização evolutiva para a cultura brasileira, seguia concepções de mundo presentes na própria leitura de Brasil feita pelo autor naquele momento histórico. Treze anos depois, no entanto, o mesmo autor, em conferência proferida na *Université de Paris IV – Sorbonne*, a pretexto das discussões em torno do centenário da República no Brasil, promoveria uma revisão crítica de sua própria obra:

Do subdesenvolvimento, o Brasil torna-se *dependente*. Ao período do *milagre econômico* (1969-1974) correspondeu a eliminação total das liberdades civis. A cidadania – noção frágil em nossa história – desaparece, só se recompondo palidamente no fim dos anos 70, quando a *nova sociedade civil brasileira* irá procurar outros caminhos para pensar as

---

<sup>3</sup> MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*: pontos de partida para uma revisão histórica. São Paulo: Editora 34, 2008. p. 69.

temáticas do republicanismo, dos direitos humanos, do federalismo e da independência econômica e cultural. Na segunda metade dos anos 80, a dívida externa mais alta da história da República, a inflação avassaladora, o baixo índice de escolaridade e a fragilidade institucional levantam graves interrogações sobre o Brasil da Nova República, *país do futuro*.

A *matriz cultural republicana* dos anos 30/40 que abrigou a noção luso-tropical de Cultura Brasileira está esgotada. Encerrando também o ciclo militar (1964-1984), impõe-se ao país a busca de sua identidade. Nem Paraíso Terral, como sonhavam protestantes franceses no século XVI, nem Inferno, como imaginava Frei Vicente do Salvador, no XVII. Nem *moderno*, como propunham os modernistas de 1922. Nesse país imaginário, “o futuro já era”, comentava em 1987 o compositor Antonio Carlos Jobim. Trata-se, já agora, de se enfrentar a História Contemporânea. Para tanto, impõe-se uma revisão crítica dessa Cultura.<sup>4</sup>

A matriz cultural republicana, pensada por Mota a partir de um repensar sobre a cultura no Brasil na década de 1990, fazia desdobrar-se a incitação do autor “enfrentar a História Contemporânea”, constituindo, portanto, o pretexto central desse trabalho. Desdobra-se dela meu desejo de escavar uma ampla teia discursiva que, enredada desde o início do século, mas intensificada a partir de sua segunda metade, buscou afirmar os valores constitutivos de uma pretensa cultura brasileira, bem como esforçou-se em nomeá-la a partir de uma série de *linhas de desejo padrão*.

No interior dessa problemática, o texto aqui apresentado analisa um conjunto de esforços que, no contexto que aponta para os

---

<sup>4</sup> MOTA, Carlos Guilherme. Cultura brasileira ou cultura republicana? *Estudos Avançados*, n. 4, v. 8, 1990. p. 21.

intermédios do século XX, buscaram definir, no âmbito acadêmico, uma dada noção de cultura brasileira, que se quis vencedora e desejada por diferentes espaços de saber e poder vigentes no período e propõem modos de configuração desse conceito a partir da necessidade de manutenção desses lugares de poder, especialmente com a emergência do golpe civil-militar de 1964, que estabeleceu determinados sujeitos como centro da atividade cultural de então.

### *A cultura nordestina forjada nos átrios da ditadura*

O brasileiro se define por um modo que já é seu, socialmente seu, tão psicossocialmente seu, biossocialmente seu de andar, de sorrir, de chorar, de lastimar, de gritar, de amar, de namorar - tudo isso já como definição de brasileiro, quer do norte, quer do sul, quer do leste, quer do oeste, quer desta região, quer daquela região. O andar do brasileiro existe: você pode apontar em Paris – “ali vai um brasileiro”. Você pode apontar o brasileiro pelo gesticular. Há o sorrir, que é tão característico como o sorrir japonês. Nós todos sabemos que há o sorriso japonês, mas há também o sorriso brasileiro. Os brasileiros sorriem de uma maneira brasileira, que independe inteiramente da sua condição étnica. Pode ser brasileiro de origem mais africana, pode ser brasileiro de origem mais ameríndia, pode ser brasileiro de origem mais germânica, ou, em São Paulo, de origem mais italiana, já há um sorriso brasileiro, que se sobrepõe a qualquer herança de caráter étnico-cultural. Há um sorriso brasileiro, um andar brasileiro, um amar brasileiro. Há um tipo de beleza feminina brasileira, que também se sobrepõe a todas as diferenças étnico-regionais ou étnico-culturais para ser brasileiro.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> FREYRE, Gilberto. Norte Nordeste e Sul na formação brasileira. *Problemas brasileiros*, São Paulo, v. 14, n. 153, 1976.

Em 1966, a Coordenação Regional, no Nordeste, do Diretório Central dos Estudantes promovia um evento, cujo objetivo central era o de levar ao sul do Brasil uma pequena amostra de produtos nordestinos em vários setores do que constituiria a sua cultura – artesanato, danças folclóricas, religiosidade popular, etc. A iniciativa, cuja culminância se daria em Curitiba, levava consigo Gilberto Freyre, que ali chegava com a intenção de desconstruir preconceitos formulados a respeito da região.

O discurso do sociólogo, intitulado *Pernambucanidade, nordestinidade, brasileiridade*, valorizava as demarcações do Nordeste no concerto de uma ampla realidade regional e brasileira. Era preciso, de acordo com a sua fala, afirmar a pluralidade de sentidos envolto na noção de Nordeste, em cujo escopo não existiriam apenas as delineações tradicionais, a presença de uma cultura conservadora ou de elementos típicos que conformavam um estereótipo. Na mesma medida, no entanto, expressa a necessidade de que os jovens expoentes do Nordeste – artistas, intelectuais, políticos, religiosos, etc. – expressassem os valores próprios de sua terra, sua natureza particular, *à sua maneira ou ao seu modo*.

É preciso que se saiba nessas outras regiões que o Nordeste não é só sêca do Ceará nem apenas cerâmica de Caruaru; que a sua culinária não se limita ao vatapá da Bahia; que a sua música popular não é sòmente a que fala de Lampeões e de Marias Bonitas; e também que seus estudantes de agora, os seus artistas, os seus escritores, os seus sociólogos, os seus teatrólogos, os seus sacerdotes jovens, os seus novos líderes

industriais e operários, se preocupam com os problemas da região descobertos pelos próprios olhos. Em vez de repetirem slogans ou copiarem modelos que lhes venham do Uruguai e dos Estados Unidos, de Paris ou mesmo do Rio, procuram ver a sua região, sentir o seu país, interpretar a sua época, **à sua maneira ou ao seu modo.**<sup>6</sup>

A fala de Freyre, emblemática no evento em questão, escondia por trás de seu discurso de autoridade um sem número de contradições. No limite, sua presença se justificava por uma ampla gama de fatores, que atravessavam tanto sua produção intelectual, uma vez que sua obra como um todo apontava para uma busca intensa de conformação discursiva do Nordeste, quanto os posicionamentos políticos que extravasaria. Figura bem quista pelo governo brasileiro desde a Era Vargas, tendo sido, em 1946, eleito deputado federal pela União Democrática Nacional (UDN), o sociólogo pernambucano havia, dois anos antes, proferido um discurso, onde manifestava seu apoio ao golpe civil-militar de 1964, ao qual, assim como muitos de seus outros apoiadores, chamava “revolução”. Esse acontecimento, culminado em 9 de abril de 1964, por ocasião de uma demonstração cívica promovida pela Cruzada Democrática Feminina, e que reunia mais de duzentas mil pessoas no Recife, trazia um Gilberto Freyre cujo discurso, expressamente combativo, denotava uma necessidade de reafirmação nacional: “Brasileiro nenhum, verdadeiramente brasileiro, pernambucano nenhum, verdadeiramente pernambucano, admite que

---

<sup>6</sup> FREYRE, Gilberto. *Isto é Nordeste*. Curitiba: Coordenação Regional do Nordeste do Diretório Nacional dos Estudantes, 1966. Grifo nosso.

sôbre sua pátria desça aquela noite terrível em que só brilham, num céu tornado inferno, estrelas sinistras vermelhas.”<sup>7</sup>

Se tomarmos a obra-prima de Gilberto Freyre, assim como outros trabalhos semelhantes, tais como *Tristes trópicos*, de Claude Lévi-Strauss<sup>8</sup>, como ponto de partida para pensar sua inserção como sujeito na forja de uma nomeação canônica do Brasil, o livro que havia publicado anteriormente, em 1925, já havia começado a promover uma cópula definitiva entre o autor e o seu espaço-tempo particular, que se torna, afinal, o título da obra. Tratando-se de um estudo sobre a Zona da Mata canavieira, *Nordeste* era, nesse sentido, a primeira expressão de um Freyre que se procura em si, que busca ser suturado, ao mesmo tempo física e subjetivamente, a um lugar de fala, a uma ordem discursiva, a um ser/estar no mundo. Nas primeiras linhas do primeiro capítulo da obra, emerge o espaço de onde Gilberto Freyre fala, o espaço a partir do qual pensa e sente seu Brasil:

A palavra “nordeste” é hoje uma palavra desfigurada pela expressão “obras do Nordeste” que quer dizer: “obras contra as secas”. E quase não sugere senão as secas. Os sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol.

Mas esse Nordeste de figuras de homens e de bichos se alongando quase em figuras de El Greco é apenas um lado do Nordeste. O outro Nordeste. Mais velho que ele é o Nordeste de árvores gordas, de sombras profundas, de bois

<sup>7</sup> FREYRE, Gilberto. *O Recife e a revolução de 1964*. Recife: [s. ed.], 1964. p. 01.

<sup>8</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução: Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.



pachorrentos, de gente vagarosa e às vezes arredondada quase em sanchos-panças pelo mel de engenho, pelo peixe cozido com pirão, pelo trabalho parado e sempre o mesmo, pela opilação, pela aguardente, pela garapa de cana, pelo feijão de coco, pelos vermes, pela erisipela, pelo ócio, pelas doenças que fazem a pessoa inchar, pelo próprio mal de comer a terra.<sup>9</sup>

Podendo ser visto como um dos autores que, sistematicamente, tentaram localizar o Nordeste e configurá-lo como um lugar no espaço sociocultural brasileiro<sup>10</sup>, Gilberto Freyre e sua obra sociológica se configurariam como uma perspectiva vitoriosa entre outros tantos discursos da época. No início da década de sessenta, com o golpe civil-militar de 1964, espaços de divulgação de ideias, como as universidades, se encontrariam diante de um amplo processo de reestruturação. Considerado, desde o final dos anos cinquenta, espaços propícios para a propagação de ideias de esquerda, especialmente sob a influência de acontecimentos tais como a Revolução Cubana e a Revolução Chinesa, bem como por conta de diversos professores assumidamente esquerdistas, o ambiente universitário seria submetido, tal como coloca Rodrigo Patto Sá Motta, a uma “operação de limpeza”, a partir da qual muitos de seus docentes seriam afastados. No Recife, Gilberto Freyre participaria ativamente desse processo, no qual seriam detidos professores tais como Paulo Freire, Antonio Baltar e Luis Costa

---

<sup>9</sup> FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1989. p. 41.

<sup>10</sup> Para uma discussão mais ampla a respeito, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

Lima<sup>11</sup>, e afastados outros tantos, entre os quais Jomard Muniz de Britto<sup>12</sup>.

É válido tomar a grande influência que Gilberto Freyre ganharia, em espaços universitários e de divulgação de ações culturais, a partir dos anos sessenta, para perceber, nesse processo, a ampla dimensão política de sua forma de nomeação do Brasil. Nesse processo, em que assumiria um lugar institucional que lhe conferia poder de autorizar e legitimar dizibilidades, Freyre passa a irradiar pelos espaços universitários uma maneira de conformar discursivamente uma brasilidade a seu modo. A exemplo disso, encontra-se o Seminário de Tropicologia, inspirado nos modelos de seminário do Professor Frank Tannembaum, que Freyre conheceria em suas vivências em Columbia, e que reuniria, com o apoio do então reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Murilo Humberto de Barros Guimarães, intelectuais cujo objetivo seria o de produzir e legitimar dispositivos de dizibilidade sobre o Brasil. Na medida em que representaria, pretensamente, “um novo tipo de organização para os países”<sup>13</sup>, o Seminário propunha uma leitura do tempo que atravessasse a dimensão presente e, no limite, contemplasse suas raízes: *tratava-se de uma tropicologia, incluídas*

---

<sup>11</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 29.

<sup>12</sup> Ver entrevista com Jomard Muniz de Britto: ADRIANO, Carlos. O último dândi. In: BRITTO, Jomard Muniz de. *Encontros*. Organização: Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013. p. 188-195.

<sup>13</sup> FREYRE, Gilberto. O Seminário de Tropicologia. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 dez. 1966.

*hispanotropologia e lusotropologia*<sup>14</sup>. No relato da experiência proporcionada pelo seminário, o reitor Guimarães evidenciava o lugar de Gilberto Freyre nesse processo de consolidação de um ideal de cultura brasileira:

Trouxe o Mestre de Apipucos, para o debate universitário, a experiência por êle vivida na Universidade de Colúmbia, de um novo tipo de seminário, ideado pelo Prof. Frank Tannembaum, que tanta projeção tem alcançado nas mais avançadas universidades e tantos triunfos tem recolhido, na opinião de mestres ilustres. O tema era fascinante pa[r]a uma reunião em que se buscava renovar a nossa Universidade, integrá-la na sua superior missão cultural. A autoridade do expositor, o encanto das suas palavras, acrescentaram ao tema os ingredientes que despertariam o entusiasmo dos participantes do Simpósio. [...] <sup>15</sup>

Na medida em que compreendemos que o sujeito não existe em si, mas que se constitui no atravessamento do que representa para outro significante<sup>16</sup>, é possível perceber que Gilberto Freyre se conforma um sujeito-significante, investido de sentidos por outros sujeitos. Na fala de Murilo Guimarães, Freyre capitalizaria uma autoridade que lhe permitia legitimar ou descredenciar outros discursos. Se, em dado momento, anuncia a necessidade de valorizar uma cultura verdadeiramente brasileira e verdadeiramente pernambucana, em

---

<sup>14</sup> Ibid.

<sup>15</sup> GUIMARÃES, Murilo Humberto de Barros apud FREYRE, Gilberto. *Um novo tipo de seminário (Tannembaum) em desenvolvimento na Universidade de Columbia: conveniência da introdução de sua sistemática na Universidade Federal de Pernambuco*. Recife: Imprensa Universitária, 1966.

<sup>16</sup> LACAN, Jacques. *O seminário*. v. 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

contrapartida, buscava em suas referências estrangeiras – nesse caso, sua vivência acadêmica na Universidade de Columbia – formas de integrar seu discurso a uma dimensão aceita pelos seus pares. Constituía-se, assim, o paradoxo freyreano: era, a um só tempo, o “Mestre de Apipucos”, nomeação que lhe conferia uma identidade regional, mas também o promotor de um seminário cujo objetivo seria o de integrar uma universidade nordestina com o mundo, sendo divulgado e propalado como “ideado por Frank Tannembaum”, ou seja, autorizado por uma metodologia norte-americana. Sua legitimação, portanto, se confirmava tanto pela dimensão local – a de um irradiador da cultura brasileira, de suas raízes fundadoras – quanto pela sua formação exterior, o que lhe conferia um lugar de fala qualificado aos olhos da academia.

Esses acontecimentos, na medida em que dão a ver os discursos que, localmente, dotavam de autoridade a figura de Gilberto Freyre, ajudam também a pensar que sua visibilidade enquanto intelectual extrapolava as barreiras do Nordeste. Ponto fundamental para a compreensão das tentativas canônicas de nomeação do Brasil na década de sessenta, a criação de conselhos de cultura aparece como um conjunto de tentativas oficiais de demarcar o lugar que deveria ser ocupado pela cultura brasileira e sua função no desenvolvimento da sociedade. No mesmo ano em que o sociólogo pernambucano promoveria o Seminário de Tropicologia na Universidade Federal de Pernambuco, era promulgado o decreto-lei nº 74, de 21 de novembro

de 1966, que criava o Conselho Federal de Cultura<sup>17</sup>. Esse ato do então Presidente da República, Humberto de Alencar Castello Branco, retomava tentativas que se processavam desde o governo de Getúlio Vargas, bem como a criação, em 1961, do Conselho Federal de Cultura, dissolvido após o golpe civil-militar de 1964. Esse instrumento do governo, com aval das principais instituições culturais do país, contava, não por acaso, com um conjunto de membros que denotava seu teor claramente conservador, tais como Afonso Arinos, Ariano Suassuna, Cassiano Ricardo, Gilberto Freyre, Hélio Viana, João Guimarães Rosa, Josué Mantello, Manuel Diegues Júnior, Otávio de Farias, Pedro Calmon, Rachel de Queiroz, Roberto Burle Marx, dentre outros.<sup>18</sup> A análise das ações do Conselho, diretamente ligadas ao então Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, esclarecem a visão que dele depreendia a respeito da cultura brasileira: pensava-se nela a partir de uma leitura ideal, expressa tanto através de seus boletins quanto do periódico *Cultura*<sup>19</sup>. Nesse espaço de fala, alguns posicionamentos ficam claros,

---

<sup>17</sup> BRASIL. Decreto-Lei nº 74, de 21 de novembro de 1966.

<sup>18</sup> CALABRE, Lia. Intelectuais e política cultural: o Conselho Federal de Cultura. *Atas do Colóquio Intelectuais, Cultura e Política no Mundo Ibero-Americano*. Rio de Janeiro: Intellèctus, ano 05, v. II, 17-18 maio 2006.

<sup>19</sup> O periódico do Conselho Federal de Cultura, inicialmente intitulado *Cultura*, passa a ser editado mensalmente a partir de 1971, sendo convertido, posteriormente, em *Boletim do Conselho Federal de Cultura*, com edição trimestral. No acervo da biblioteca da Fundação Casa Rui Barbosa encontram-se 89 periódicos, sendo 42 deles intitulados *Cultura* e 47 intitulados *Boletim do Conselho Federal de Cultura*. Para mais informações, ver: PAZ, Vanessa Carneiro da. *Encontros em defesa da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura e a regionalização da cultura na ditadura civil-militar (1966-1976)*. 2011. 140 p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

tais como a sua relação contígua com as ações desenvolvidas por Gilberto Freyre no âmbito regional. Exemplo disso, em texto lido na sessão plenária de 27 de julho de 1969, o sociólogo pernambucano valoriza a ação do Seminário de Tropicologia, onde evidencie e conclama a participação de membros do espaço público de ações culturais:

Dentro do Trópico, o Brasil – eminentemente tropical e subtropical – vem sendo, nas reuniões do Seminário, constante ponto de referência, quer para dar exemplos completos de tropicalidade sua situação específica ou concreta ofereça, quer para efeitos comparativos. Sendo assim, na sistematização em ciência – possível ciência – que se vem pioneiramente empreendendo no Recife de estudos dispersos sobre problemas tropicais, o Brasil, em geral, o Nordeste, em particular, é uma presença viva. Não só uma presença viva: é a área que imediatamente vem recebendo o impacto das atividades dêsse especialíssimo órgão científico ou cultural. Recebendo êsse impacto e assimilando à sua consciência regional uma consciência universalmente, além de nacionalmente, tropical.<sup>20</sup>

Produzindo uma imagem desejante do Brasil, as ações do Conselho Federal de Cultura refletiam em outras iniciativas e outras falas. Dentre elas, a tropicologia lusa, largamente difundido pela sociologia freyreana, e autorizado pelos espaços canônicos de divulgação de uma ideologia da cultura brasileira, conformavam possibilidades de leitura do Brasil organizadas sob a celebração de sua sociedade que, pretensamente, festejava sua mistura étnica. Aos outros,

---

<sup>20</sup> FREYRE, Gilberto. Seminário de Tropicologia. *Cultura – CFC*, Rio de Janeiro, n. 3, v. 25, jul. 1969, p. 35.

especialmente a membros dos grupos dirigentes do país, parecia cômodo olhar para o Brasil sob a perspectiva de uma nação em amplo processo de crescimento. Tal olhar fica claro na saudação feita por José Edgar Pereira Barreto Filho, presidente da Federação e Centro do Comércio do Estado de São Paulo, a Gilberto Freyre, onde exalta seu trabalho em evidenciar a afirmação do Brasil dentro da lógica proclamada pela obra intelectual desse autor em toda a primeira metade do século XX:

Nós somos uma nação criadora, já, de uma concepção, de um tipo nacional de homem, de mulher, que vai além da classificação racial. O brasileiro não é uma raça qualquer. O brasileiro é a expressão de uma convivência, de uma vivência, de uma cultura, de uma herança nacional e ao mesmo tempo de outra, regional. Porque essa expressão nacional de cultura brasileira é enriquecida e não prejudicada pelo fato de ser uma constelação de regiões, de haver um norte, de haver um nordeste, de haver um centro-sul, de haver um extermo-sul, de haver um leste e um oeste. Todas estas regiões vêm contribuindo para formar esse tipo pan-brasileiro. Um tipo pan-nacional brasileiro. E aí está uma das nossas grandes vitórias dentro do desenvolvimento histórico. Creio que se pode dizer que nenhuma das nações, nenhum dos continentes, nenhuma parte do mundo pode apresentar a mesma harmonização de regional com o nacional. Ou de pluralidade com unidade. O Brasil pode ser caracterizado como uma nação - é um paradoxo - ao mesmo tempo plural e una.<sup>21</sup>

Nessa perspectiva, é possível perceber que as discussões em torno do Brasil, articuladas a partir da lógica canônica propalada por

---

<sup>21</sup> BARRETO FILHO, José Edgar Pereira apud FREYRE, Gilberto. Norte, Nordeste e Sul na formação brasileira. *Problemas brasileiros*, São Paulo, v. 14, n. 153, 1976. p. 09-14.

iniciativas institucionais, tais como o Seminário de Tropicologia e o Conselho Federal de Cultura, seguiam um debate instrumentado pela sociologia freyreana, seu lastro teórico e conceitual. Tais iniciativas, partindo de lugares privilegiados de poder cultural, estariam articuladas a espaços outros, tais como o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, para o qual o mesmo Gilberto Freyre destinaria palavras elogiosas no interior do Conselho. Para Freyre, o Instituto representava um espaço de divulgação de ideias que não se restringia ao âmbito metropolitano – em tese, o eixo Rio de Janeiro e São Paulo – cuja produção o dotava de legitimidade local e nacional.<sup>22</sup>

Dessa maneira, as produções e opiniões divulgadas nos espaços públicos ocupados por Gilberto Freyre terminavam por reafirmar valores canonizados na tentativa de definição do ser da cultura brasileira. Aquilo que fora evidenciado na obra ulterior de Freyre conquistava, aqui, um amplo espaço de divulgação. Tal postura mostrava-se, de um lado, como levantei anteriormente, tributária dos debates teóricos realizados no âmbito da antropologia norte-americana, mas, para efeitos políticos e ideológicos, divulgada como constituindo-se em uma discussão que oportunizava o pensar das mais profundas raízes do Brasil e de sua cultura viva e dinâmica. Esse exemplo pode ser percebido na entrevista concedida pelo sociólogo de Apipucos ao jornal *Estado de São Paulo*, reproduzida no *Boletim do Conselho Federal de*

---

<sup>22</sup> FREYRE, Gilberto. Instituto Joaquim Nabuco. *Cultura*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 13, jul. 1968, p. 46-49.



*Cultura*, no qual se posta combativamente ao ser indagado sobre estudos, produzidos por brasileiros e estrangeiros, que apresentavam o Brasil como “matador de índios” e “detrator de negros”:

Há motivos evidentemente extracientíficos e que nada têm que ver com justiça sociológica ou justiça histórica. É curioso que alguns dêsses “veementes”, sendo ianquéfobos, estão empenhados em transferir para o Brasil uns “brack studies”, ou “estudos negros”, que são ianquises. Como ianquises, podem ter alguma base, para a sua implantação em caráter de oposição “estudos brancos”, nos Estados Unidos. No Brasil, com êsse caráter de oposição ou de ódio e de furor apologético, seria descabidos. Não se pode negar diferença entre os dois países como, aliás, entre o Brasil e a União Indiana, o Brasil e o Paquistão, o Brasil e o Canadá, o Brasil e a própria União Soviética, neste particular. Aqui, mais que em outra área ocupada por grande nação, a tendência vem sendo imperfeita porém crescente para a síntese cultural através da interpretação de culturas, quer básicas, quer contribuintes ou ancilares - e para a superação de filiações absolutas e etnias ou a “raças” fechadas, por uma já brasileiríssima consciência de meta-raça ou seja uma além-raça que supera aquelas extrema filiações a etnias de origem, Filiações que competissem com a identificação com o Brasil.<sup>23</sup>

Não nos surpreende mais as posições adotadas por Gilberto Freyre, quando trata dos negros e de sua participação na formação da sociedade e da cultura brasileira. Raça e etnia se apresentam como questões centrais nesse período. A visão que busca promover estudos sobre identidade e etnia, de maneira mais específica, seria, para eles, um ranço “ianquéfobo”, ou seja, próprio dos ditos *yankees*, norte-

---

<sup>23</sup> FREYRE, Gilberto. Negritude, mística sem lugar no Brasil. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*, Rio de Janeiro, a. 1, n. 2, abr-jun. 1971. p. 16.

americanos, eles próprios, no olhar de Freyre, segregacionistas de brancos e negros em sua sociedade até o tempo presente. Ao evidenciar um pretenso caráter de oposição, “de ódio e de furor opologético”, para ele próprio da visão *yankee*, estaria a evidente diferença entre estes e os brasileiros, fortemente marcados pelo hibridismo e miscigenação.

### *O pensamento cultural para além de Gilberto Freyre*

Se a sociologia freyreana se afirmava, nesse momento, como uma possibilidade reinante para se pensar os começos da brasilidade, aparecendo, em larga medida, já como uma leitura canônica, essa visão encontraria posicionamentos diferentes em outros espaços de divulgação. Na São Paulo, espaço que buscou irradiar um ideal de brasileira a partir do signo modernista, a proposta de nacionalidade também ganharia o espaço acadêmico. Uma das propostas que podem ser inseridas nesse debate é a tese que Oswald de Andrade escreveria, em 1950, com vistas a pleitear a Cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Essa tese, intitulada *A crise da filosofia messiânica*, mostrava-se – assim como Gilberto Freyre outrora fizera com sua obra poética – uma tentativa de sistematizar, academicamente, as motivações intelectuais que configuraram o movimento modernista, notadamente a Poesia Pau-Brasil e o Manifesto Antropófago.

Assim, fazendo um passeio pelas matrizes filosóficas de autores como Maquiavel, Kant e Schopenhauer, referências profundas para a intelectualidade de seu tempo, Oswald defenderia que a cultura brasileira, dentro de sua matriz filosófica, seria pautada na existência de dois hemisférios culturais, que dividiriam a história do mundo entre a égide do Patriarcado – o mundo primitivo – e do Matriarcado – do mundo civilizado, produtor da cultura antropofágica, messiânica. Considerava, portanto, as múltiplas dimensões de patriarcais, como o Cristianismo, parte de uma visão de mundo teleológica, fadada à escatologia, ao caos, à morte – oposição que fazia ao mundo matriarcal, lúdico, vida e potência em constante pulsação. Procurando uma universalidade que afirmasse teoricamente suas ideias, Oswald afirma:

À descristianização da vida, segue a descristianização da morte. Procura-se na América levar às últimas conseqüências a concepção estóica do primitivo ante a morte, considerada ato de devoração pura, natural e necessário. Já existem as casas serenas para onde se conduz o extinto entre jardins floridos, absolutamente libertos da austeridade funerária do passado. Qualquer recém-vindo a uma cidade que pretenda habitar, recebe não só a caderneta do empório como a proposta de pagamento à prestações, do seu próprio enterro. Todo o aparato horrífico da morte cristã, que prenunciava o terror do Juízo Final, toda a plástica funerária do Cristianismo que entreabria as portas do inferno sob altares e tocheiros, desaparece ante o mundo lúdico que se anuncia.<sup>24</sup>

Em paralelo às iniciativas culturais e acadêmicas modernistas, desenvolvia-se, também, desde a década de 1940, quando da publicação

---

<sup>24</sup> ANDRADE, Oswald de. A crise da filosofia messiânica. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas: do pau-brasil à antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970. p. 127.

da *Formação do Brasil contemporâneo*, uma proposta de brasilidade construída sob os lastros marxistas. Primeiro – e, por circunstâncias, único – volume de uma série histórica que o historiador Caio Prado Júnior buscava construir a respeito do Brasil, esse livro se apresentaria como uma leitura do Brasil construída a partir do materialismo histórico. Prado Júnior, cuja produção, na década de quarenta, buscava estabelecer uma leitura econômica da história do Brasil colonial, publicava, em 1966, *A revolução brasileira*. Se em sua *Formação do Brasil contemporâneo* buscava “compreender a formação de uma sociedade orientada para o comércio internacional, em cujo meio as classes sociais custaram a se constituir enquanto tal”<sup>25</sup>, *A revolução brasileira*, por sua vez, demarcava uma leitura do presente, na qual a sociedade brasileira, que passava por todas as etapas da economia de mercado, se encontraria no interior das condições adequadas para promover a revolução socialista. O trabalho do autor, naquele momento histórico, abriria uma clareira para uma série de outras iniciativas universitárias vinculadas ao contexto de produção materialista, tal como os trabalhos de Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, dentre outros. Conformando-se em tal perspectiva, Prado Júnior faz de sua obra um instrumento de conclamação das esquerdas brasileiras a promover a referida revolução:

---

<sup>25</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Caio Prado Jr.: dialética e concretude da experiência histórica. In: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos; GONÇALVES, Adelaide (Org.). *Caio Prado Jr.: legado de um saber-fazer histórico*. São Paulo: HUCITEC, 2013. p. 22.

Trata-se, pois, em primeiro lugar, nesta nova fase em que nos encontramos, de reconsiderar atentamente, e sem convicções e atitudes preconcebidas, as circunstâncias em que se processa a evolução histórica, social e econômica do nosso país. E procurar aí, e não em esquemas abstratos desligados da realidade brasileira, as forças e os fatores capazes de promoverem as transformações econômicas sociais imanentes da conjuntura presente. Bem como a natureza, direção e eventual ritmo dessas transformações. Trata-se em suma de reelaborar a teoria da nossa revolução, a fim de por ela acertadamente pautar a ação política da esquerda brasileira. Mas para isso devemos antes começar pela apreciação crítica das concepções teóricas até hoje consagradas e que de maneira tão lamentavelmente errada vêm inspirando as forças políticas renovadoras de nosso país.<sup>26</sup>

Olhando para além dos atravessamentos estéticos e ideológicos, é possível captar que tanto a publicação da produção poética e historiográfica de Freyre, quanto dos ensaios de Sergio Buarque de Holanda, ou mesmo a obra de cunho revolucionário de Prado Júnior se apresentavam como acontecimentos<sup>27</sup> que muito dizia sobre as expectativas construídas em torno do objeto *cultura brasileira*, na emergência da década de sessenta. Por um lado, um *espaço de experiências* orientava as demarcações de uma cultura brasileira

---

<sup>26</sup> PRADO JÚNIOR, Caio. A revolução brasileira. In: PRADO JÚNIOR, Caio; FERNANDES, Florestan. *Clássicos sobre a revolução brasileira*. São Paulo: Expressão Popular, 2000. p. 53.

<sup>27</sup> Tomo acontecimento, aqui, na perspectiva de Michel Foucault, uma vez que compreendo o ato de acontecimentalizar como o de “reencontrar as conexões, os encontros, os apoios, os bloqueios, os jogos de força, as estratégias etc., que, em um dado momento, formaram o que, em seguida, funcionará como evidência, universalidade, necessidade. [...]”. Ver: FOUCAULT, Michel. Mesa-redonda em 20 de maio de 1978. In: \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos*. v. IV. Estratégia, poder-saber. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 339.

nascente. Por outro, um *horizonte de expectativas* delineava os caminhos de um Brasil advir.<sup>28</sup>

Em todos os textos, o Brasil que se buscava tinha sua forma marcada pelo passado – fosse ele, tal como já levantado, o regionalismo nordestino ou o modernismo paulista. Nessa geografia em ruínas<sup>29</sup>, emergiriam, no momento histórico que tomamos como ponto de partida para o recorte desse trabalho, muitos esforços de significação que usaram de seus lugares institucionais para estabelecer uma dizibilidade brasileira.

Em larga medida, os debates intelectuais levantados por esses sujeitos produziram sentido a outras significações de Brasil que se desdobraram no âmbito universitário. Anterior à publicação de *A revolução brasileira*, mas na esteira da publicação da *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, emergiriam debates teóricos cujo bojo, assim como sua obra, seria o materialismo histórico-dialético e uma leitura do Brasil, sua cultura e sua formação pautada nos referenciais econômicos e no binômio força de trabalho versus

---

<sup>28</sup> As ideias de *espaço de experiências* e *horizonte de expectativas* encontram-se articuladas aos escritos de Reinhart Koselleck, nos quais se compreende que a constituição de uma semântica dos tempos históricos se processa no entrecruzamento entre essas duas dimensões temporais. Ver: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: uma contribuição para a semântica dos tempos históricos*. Tradução: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

<sup>29</sup> A expressão é tomada do título do primeiro capítulo da tese de Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Diz respeito a uma localização fragmentada, localizada no campo dos discursos, apropriando-se de palavras a parte de uma ampla gama de intencionalidades políticas. Ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

meios de produção. Nesse sentido, a publicação de *Formação econômica do Brasil*, em 1959, de Celso Furtado, alargaria a clareira aberta por Prado Júnior, no sentido de pensar economicamente a história do Brasil e a constituição de seu povo, bem como localizaria o debate econômico brasileiro no presente, pondo em perspectiva o desenvolvimentismo econômico para, a partir dele, lançar um olhar sobre estruturas econômicas tais como a economia da cana-de-açúcar, do ouro e do café.<sup>30</sup> De maneira semelhante, as discussões levantadas por Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni, em *Cor e mobilidade social em Florianópolis*, publicado em 1960, propunham pensar a importância dos negros na formação da cidade de Florianópolis e sua inserção na sociedade de classes após a abolição da escravatura.<sup>31</sup> Na mesma esteira, em 1964, Florestan Fernandes publicaria a tese *A integração do negro na sociedade de classes*. Escrita como requisito para concorrer à cadeira de Sociologia I na Universidade de São Paulo, e publicada em dois volumes, a obra de Fernandes buscava historicamente a emergência de um povo, tema que considerava “inexplorado ou mal explorado pelos cientistas sociais brasileiros”<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

<sup>31</sup> CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. *Cor e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade no Brasil Meridional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

<sup>32</sup> FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. v. I. O legado da raça branca. São Paulo: Global, 2008. p. 21.

Tomada em particular, mas sem perder de vista sua ligação com outras produções acadêmicas da mesma perspectiva, a remessa de Florestan Fernandes, claramente endereçada aos vislumbres de Brasil que outrora conformaram um ideal luso-tropical para as convivências entre negros e brancos, daria o tom de um texto cuja postura assumida seria eminentemente combativa. A questão étnico-racial de Freyre, embora não abandonada, desloca-se para um debate sobre a relação entre essa dimensão e as questões de ordem material – o negro visto como mão-de-obra. Logo em seu primeiro capítulo, o autor denunciava a conformação histórica do regime escravocrata como um sistema espoliativo, no qual instituições tais como o Estado e a Igreja se tornaram cúmplices. Tratava-se, portanto, de uma temática que, embora tratada anteriormente, ganhava nova carga e direcionamento discursivo a partir de então.

A saudade, presente na produção de sentido lançada pela *sociologia freyreana*, dava lugar ao ressentimento presente naquilo que chamo de *sociologia paulista*, na medida em que emergiria de uma tradição teórica posta nos espaços da Universidade de São Paulo desde meados da década de 1940, e que agora se conformaria como uma discussão vitoriosa num espaço universitário que se colocaria como um amplo espaço de combate ao regime político brasileiro que vigoraria a partir de meados da década de 1960:

Em suma, a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de se



reeducar e de se transformar para corresponder aos novos padrões e ideais do ser humano, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e do capitalismo. Em certas situações histórico-sociais – como parece suceder com a cidade de São Paulo na época considerada –, essa responsabilidade se tornou ainda mais penosa e difícil, dadas as possibilidades que poderiam ser realmente aproveitadas em sentido construtivo pelo negro. [...] <sup>33</sup>

Escrito em momento em que o materialismo histórico-dialético tornava-se um referencial quase obrigatório para as pesquisas no campo das ciências humanas e sociais, especialmente na Universidade de São Paulo, a obra de Florestan, articulada futuramente aos estudos do sociólogo francês Roger Bastide daria lugar a uma gama de pesquisas cujo foco de abordagem seria os negros, desde sua forma escravizada até sua abordagem enquanto trabalhador livre. Embora dialogassem com questões como as relações de trabalho e religiosidades, aparentemente distantes, todas essas pesquisas possuíam em comum o fato de que tomavam um modelo explicativo como elemento que configurava nova realidade à ideia de Brasil e de cultura brasileira. Questionavam a luso-tropicologia, presente nos escritos de Gilberto Freyre, e necessitavam combater direcionamentos para a escrita da história que fugissem de uma postura militante que, entendiam, devia ser assumida pelo intelectual.

Seria possível dizer, nesse momento histórico, que as obras elencadas produziam, coletivamente, um esforço de repensar o lugar da

---

<sup>33</sup> FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. v. I. O legado da raça branca. São Paulo: Global, 2008. p. 21.

cultura e da identidade brasileira sob a forma de uma revolução social advir, expressa na constituição do que Marcelo Ridenti chamaria de *brasilidade revolucionária*. Assim como afirma Ridenti, tratavam-se de intelectuais que repensavam as tentativas de representação dos brasileiros sob a forma de uma coesão étnica e cultural, idealista e harmônica, sendo, portanto, investidos novos sentidos a essas mesmas representações, apresentando, de maneira direta e potencialmente combativa, seu polo oposto: “o Brasil não seria ainda o país da integração entre as raças, da harmonia e da felicidade do povo, pois isso não seria permitido pelo poder do latifúndio, do imperialismo e, no limite, do capital. Mas poderia vir a sê-lo como consequência da revolução brasileira”<sup>34</sup>.

A influência da obra de Karl Marx sobre a constituição de um pensamento social brasileiro partindo de São Paulo abarcaria mesmo dimensões mais sensíveis, como estudos sobre cultura popular e costumes. Se as análises de ordem macroestruturais, como aquelas produzidas por Caio Prado Júnior, Octavio Ianni, Fernando Henrique Cardoso, Florestan Fernandes e Roger Bastide conformavam uma matriz de estudos sociais, o trabalho de Antonio Candido, saindo aos seus, não degeneraria, embora sua ótica contemplasse também uma dimensão estética, poética e com forte presença de saudade. Tendo sua vida pessoal e carreira transcorrendo os espaços de Minas Gerais e São

---

<sup>34</sup> RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política*. São Paulo: UNESP, 2010. p. 13.

Paulo, é recorrente em sua obra a *saudade*<sup>35</sup> da figura do caipira, que tomava as páginas de *Os parceiros do Rio Bonito*, embora não deixasse de fora as noções de sociedade e solidariedade, elaboradas por Marx, bem como os estudos sobre *folk-culture* conformados nos estudos antropológicos do norte-americano Robert Redfield, e sobre as estruturas elementares do parentesco, produzida por Claude Lévi-Strauss. O trabalho, publicado em 1964, procurava perceber as transformações nos meios de vida dos caipiras de São Paulo, sob uma ótica antropológica, mas, em larga medida, histórica e literária. Existia uma estética na obra de Candido que perpassava também sua obra artística, de forma que o livro terminava por produzir mais do que uma conformação acadêmica sobre o Brasil e a cultura brasileira, elaborando, também, uma marca estética. O caipira, um personagem sem rosto, um arquétipo, se transforma também em um instrumento do autor para dar satisfações ao seu leitor: haveria nele elementos constitutivos de uma raça<sup>36</sup> e de uma cultura brasileira, de seus costumes tradicionais, de sua forma de relacionar-se com os outros, de

---

<sup>35</sup> Para pensar sobre a saudade como uma categoria histórica, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e contar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Mariana; PARENTE, Temis Gomes (Org.). *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006.

<sup>36</sup> Para pensar o conceito de raça, é importante citar o trabalho de Lilia Moritz Schwarcz. Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

fazer a corte e casar-se, de dar nomes aos filhos, de plantar, colher e solidarizar-se econômica, social e culturalmente.<sup>37</sup>

É curioso perceber que a produção intelectual marxista, ao tentar demarcar um local para a cultura brasileira, estabelecia mais do que uma marca de ordem política ou ideológica. Para além disso, trazia consigo uma série de tropos discursivos<sup>38</sup> a partir dos quais se buscava escrever a história do Brasil e de seus desdobramentos culturais e sociais. De estruturação esquemática e potencialmente metanarrativa, os textos dos intelectuais da chamada sociologia paulista inventavam muito mais do que um lugar social, mas também um gênero textual próprio, possibilitando tanto verter em linhas escritas uma poética, na medida em que, ainda que eventualmente tentasse fugir, quanto colocar em enredo todo um conjunto de estórias que compõem a sua narrativa, assumindo, nesse sentido, uma forma arquetípica.<sup>39</sup> É nesse sentido que se encontram suas semelhanças com o campo de discussões sobre o Brasil ao qual radicalmente se opunham: de forma semelhante à sociologia freyreana e suas decorrências, conformava-se enquanto uma intriga, elaborava a partir dela uma proposta de tempo<sup>40</sup>, além de

---

<sup>37</sup> CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

<sup>38</sup> A noção de tropos discursivos é tomada aqui na perspectiva de Hayden White. Ver: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução: Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 2014.

<sup>39</sup> WHITE, Hayden. *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*. Tradução: José Laurênio de Melo. São Paulo: EDUSP, 2008.

<sup>40</sup> Ver: RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Tradução: Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994. p. 85.

conceber instrumentos de leitura a partir do qual seria possível compreender, em linha, a história do Brasil. O que outrora se demarcou pelo signo da saudade agora se capitaneava pela transformação dos sujeitos brasileiros em instrumentos e focos de uma revolução social potente.

### *Da configuração das matrizes do ser nacional*

Se, no âmbito da Universidade de São Paulo e de outros espaços que existiam sob seu raio de influência, as demarcações de Brasil e de cultura brasileira, canonizadas a partir do ideal materialista, apareciam vitoriosas e academicamente hegemônicas, o mesmo não acontecia no Nordeste, onde ainda era possível perceber, mesmo em produções acadêmicas, ditos e escritos que escapuliam para um pensamento social listrado de um sentimento de saudade e regionalismo. Dessa maneira, não menos autorizado, e lançando as bases metafóricas daquilo que compreenderíamos como o Nordeste no campo das letras e das artes, ao lado, talvez, da própria obra de Freyre, o professor e dramaturgo Ariano Suassuna, cuja produção literária já iniciava um processo de sacralização de certas maneiras de entrever a cultura brasileira, apresentaria em 1976, sua tese de livre-docência, intitulada *A onça castanha e a Ilha Brasil: uma reflexão sobre a cultura brasileira*.

Marco na tentativa sistemática de escrever uma história do Brasil a partir do viés da cultura, o trabalho de Suassuna retomava as

metáforas e personagens que atribuíra ao Brasil em seu *Romance d'A Pedra do Reino*, agora sob a forma de um texto de tons acadêmicos. Seu trabalho, objetivando realizar um estudo amplo a respeito da constituição de uma dada raça no Brasil, e em particular no Nordeste, buscava puxar para essa região o nascedouro da própria cultura brasileira. Embora politicamente divergente de Gilberto Freyre, é possível perceber nos esforços do dramaturgo semelhanças em sua escrita e maneira de conformar uma ideia de Brasil, na medida em que ambos propunham uma cópula conformadora da ideia de nação:

Explicando isto, devo avançar agora quais são, a meu ver, as características essenciais da nossa Cultura. Como afirmei antes, sei que se trata de um empreendimento ousado. Mas vou torná-lo mais ousado ainda, reduzindo essas características mais marcantes do Povo brasileiro a uma só, que resume todas: trata-se, a meu ver, da *união de contrários*, da tendência para assimilar e fundir contrastes numa síntese nova e castanha que dá unidade a uma complementaridade de opostos.<sup>41</sup>

Elevando a noção de *cultura* e de *povo* à categoria de sujeitos com nomes próprios, escritos com iniciais maiúsculas, Ariano conduz sua tese, provocando a invenção de um certo povo em um certo espaço. O povo brasileiro, de cor e identidade *castanha*, nascido da união de contrários, parece, em muitos sentidos, com o povo brasileiro gestado pela cópula entre o branco, o índio e o negro, tal como outrora propusera

---

<sup>41</sup> SUASSUNA, Ariano Vilar. *A onça castanha e a Ilha Brasil: uma reflexão sobre a cultura brasileira*. Recife: Interativa; Projeto Virtus, 2003. p. 10.

o sociólogo Darcy Ribeiro, em sua obra *O povo brasileiro*<sup>42</sup>, ou mesmo da relação incestuosa entre o sinhozinho e a mulata de senzala, sua irmã de leite, que indicara Gilberto Freyre.

Sem se pretender luso-tropical tal como Freyre, Ariano Suassuna indica, no entanto, um caminho a seguir para perscrutar as “origens” da cultura nacional: o caminho da formação de um certo povo e de um certo espaço. Seu exame do que chama de *Povo brasileiro* procede-se, tal como ele próprio afirma, de um estudo de sua psicologia, de sua história, de sua arte e de sua literatura, a partir da qual seriam perceptíveis os contrários, “o espírito mágico e fantástico complementado pelo realismo crítico e satírico; metamorfose da florescência e da decomposição; cotidiano e quimera; a presença do dionisíaco buscando o gume contido e a garra da forma despojada do apolíneo”<sup>43</sup>.

Em outras palavras, tratava-se de um povo cuja forja étnico-cultural conformava a radicalidade de tudo que o forjara. Nesse sentido, *A onça castanha e a Ilha Brasil* se pretendia, no limite, uma tese definitiva a respeito da própria formação do povo e da cultura brasileira. A partir do que chama de uma visão castanha de mundo, Ariano promove uma argumentação que se legitimaria através da revisão criticada de uma historiografia e crítica de cultura anterior, cuja escolha

---

<sup>42</sup> RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>43</sup> SUASSUNA, Ariano Vilar. *A onça castanha e a Ilha Brasil: uma reflexão sobre a cultura brasileira*. Recife: Interativa; Projeto Virtus, 2003. p. 10-11.

por essa ou aquela matriz étnica fundante, permanecia incompleta a seus olhos:

Desse modo, acho que é através do caminho anunciado e indicado por Euclides da Cunha que temos de caminhar, motivo pelo qual, a esse respeito, me coloco antes na sua linha do que na de Gilberto Freyre, Keyserling e J.O. de Meira Penna. Gilberto Freyre, supervalorizando a cultura luso-tropical e afro-brasileira – o que fez por seu apego à Zona da Mata – discorda de Euclides da Cunha quando este sustenta que “a rocha viva da Raça brasileira” é o Sertanejo, que o Sertanejo é o Brasileiro típico, por ter nele começado a se estabilizar, através do mameluco, o Jagunço bronzeado, cruzando-se o tronco ibérico com algum contingente do sangue negro e com o sangue já pardo dos Tapuias. Como já disse, estou mais de acordo com Sylvio Romero e Euclides da Cunha: creio que o início de fusão castanha do Sertão é – e será mais ainda, depois – um fato de repercussão muito mais ampla, é um anúncio profético não só da Raça e da Cultura brasileira como da própria Rainha do Meio-Dia, incluídas aqui a América Latina, a Europa Mediterrânea, a Ásia e a África.<sup>44</sup>

Cabe notar, no trecho acima, que o Brasil de Ariano, assim como o de Gilberto Freyre e Antonio Candido, se articula a uma dimensão não apenas científica, mas profundamente estética. Sua narrativa, ao optar por um povo como sendo o nascedouro do Brasil e da cultura brasileira, dota-se de uma ampla carga discursiva que o fabrica no território da linguagem. Evidentemente, essa dimensão estética termina por ser embasada em paradigmas de uma produção anterior, motivo pelo qual Suassuna recorre a trabalhos como os de Euclides da Cunha

---

<sup>44</sup> SUASSUNA, Ariano Vilar. *A onça castanha e a Ilha Brasil: uma reflexão sobre a cultura brasileira*. Recife: Interativa; Projeto Virtus, 2003. p. 18-19.



e Sílvio Romero, provavelmente seus estudos sobre a constituição da raça sertaneja a partir da campanha de Canudos e sua organização de cantos populares do Brasil, respectivamente de um e de outro autor<sup>45</sup>. Recorre, igualmente, à simbologia bíblica que lhe apresenta a figura erótica da Rainha de Sabá, sedutora e enigmática figura que se apresenta ao Rei Salomão no Velho Testamento, a partir de quem produz o arquétipo da Rainha do Meio-Dia. Nesse sentido, é possível perceber no trecho a necessidade do autor em afirmar-se enquanto uma definição completa da brasilidade, bem como a comprovação de que esse espaço físico, o Brasil, se constituía para além de sua dimensão geográfica, forjando, no sentido discursivo, em uma paisagem imaginária<sup>46</sup>, um território mágico, permeado por signos profundos de uma identidade plural e cantante, “o Éden e o exílio, o Deserto e Canaã, o Rei e a Rainha do Meio-Dia”:

Esse castanho que, no Brasil, vem se forjando no Sertão mais do que em qualquer outra parte, é a aspiração talvez inconsciente, mas verdadeira e profunda, irreprimível, do Povo brasileiro, dos povos mais brancos do que negros da Europa Mediterrânea, e dos povos mais negros do que

---

<sup>45</sup> CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Martin Claret, 2002; ROMERO, Sylvio Romero. *Cantos populares do Brasil*. v. I. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1883.

<sup>46</sup> A noção de paisagens imaginárias remete ao uso metafórico dos espaços, ou à invenção de uma paisagem no interior de um texto, tornando-o um objeto presente. Habitando o universo da escrita, possibilita-se ser vislumbrando através de narrativas diversas, ficcionais, históricas, filosóficas, de forma a transformar-se em um panorama do assunto que se quiser descrever. Para Beatriz Sarlo, pode ser visto como o espaço de produção dos intelectuais, cuja transmissão de saberes pode ocorrer através dos meios de comunicação, na medida em que estes, em sua produção, inventam lugares nos quais se desenvolvem as ações de seus sujeitos. Ver: SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Tradução: Rubia Prates Goldini e Sérgio Molina. São Paulo: EDUSP, 2005.

brancos da África, sejam os de Cultura Portuguesa, como Angola e Moçambique, sejam os de Cultura não-portuguesa, como o Senegal de Léopold Sédar Senghor.<sup>47</sup>

Não é de se estranhar que o texto de Ariano sinta a necessidade de localizar a cultura brasileira no âmbito do sertão, lugar demarcado, como o primeiro aponta, por toda uma forte carga mágica e por uma constituição étnica particular e única. Certamente, não seria difícil perceber que tal tentativa de demarcar um lugar para a cultura brasileira tenha se elaborado em outras regiões do Brasil, como é o caso do Rio Grande do Sul, onde a obra de Érico Veríssimo, ao catalisar uma série de metáforas e histórias do Pampa, estabelecesse um vislumbre da etnicidade brasileira como existindo naquela região.

No entanto, Suassuna, em *A onça castanha e a Ilha Brasil*, engendra uma narrativa na qual configura, com particularidade, um espaço geográfico singular, historicamente elaborado por uma ampla genealogia, que atravessaria desde as representações europeias de Dante Alighieri e Luís de Camões, pela lenda do reino perdido de Dom Sebastião, passando pelo Barroco de Gregório de Matos, além do indianismo de José de Alencar e da imagem do sertão de Euclides da Cunha.

Dessa maneira, se conformaria um certo lugar cuja denominação, tal como é enunciado nas primeiras palavras da tese, seria a de Ilha Brasil, espécie de país/paraíso desejado pelos europeus, uma

---

<sup>47</sup> SUASSUNA, Ariano Vilar. *A onça castanha e a Ilha Brasil*: uma reflexão sobre a cultura brasileira. Recife: Interativa; Projeto Virtus, 2003. p. 19.

representação particular da utopia do novo mundo, onde “fundiam-se dois mitos fundamentais para os Navegadores, marujos e descobridores ibéricos: o da Ilha vegetal, paradisíaca, e o do Eldorado, o do Sertão cheio de ouro, prata e pedras preciosas”<sup>48</sup>

A questão que Ariano apontaria não pode ser vista, no entanto, sem que a partir dela se vislumbrem também suas posições políticas: vinculado aos movimentos culturais atuantes em Pernambuco, e particularmente nas décadas de 1960 e 1970, tais como o Teatro Popular do Nordeste (TPN), que contara, até o início dos anos 1960, com amplo apoio do governo do Estado, então encabeçado pela figura mitificada de Miguel Arraes, braço apoiador, no Nordeste, da política de João Goulart a nível federal. O golpe de 1964, ao estabelecer um cerco a essa maneira de gerir o Estado brasileiro, se estenderia também ao espaço pernambucano, promovendo um cerceamento às políticas públicas de apoio a ações culturais com tendências de esquerda.<sup>49</sup> Não afeta, portanto, a extensão alcançada pelo teatro pernambucano de Suassuna, o que, em certa medida, pode ser explicado pela produção de subjetividades ao qual sua estética estava vinculada: Ariano defendia, em suas peças, uma imagem de Nordeste e de Brasil condizente com uma tentativa de afirmação regional interessante para o que, naquele momento histórico, se pretendia defender na inserção desse espaço no

---

<sup>48</sup> SUASSUNA, Ariano Vilar. *A onça castanha e a Ilha Brasil: uma reflexão sobre a cultura brasileira*. Recife: Interativa; Projeto Virtus, 2003. p. 38.

<sup>49</sup> TELES, José. *Do frevo ao manguêbeat*. São Paulo: Editora 34, 2000.

concerto das nações: tratava-se, a partir de sua invenção da Ilha Brasil – em muito semelhante ao que fizera outrora Gilberto Freyre –, da invenção obscura de um espaço, da nordestinização do Nordeste<sup>50</sup>, e, além disso, da tentativa de dizer esse espaço como sendo predominantemente sertanejo, sertão no qual habitaria a magia constitutiva da realidade brasileira.

De um modo geral, esses discursos que emergem no âmbito da nomeação do Brasil a partir do sertão também se aparelhavam de tradições intelectuais diferentes, partindo, também, de uma perspectiva filosófica da educação e da cultura brasileira. Um olhar à parte a esse respeito pode ser visto, no entorno dos anos 1960 e 1970, nos escritos e práticas educacionais propostas pelo pedagogo pernambucano Paulo Freire. A própria publicação de *Pedagogia do oprimido*, cuja primeira edição no Brasil dataria de 1974, externava uma conclamação dos brasileiros e latino-americanos à luta por uma dada revolução social, que, a partir de sua visão, deveria ser feita através da educação, uma vez que, segundo Freire, a pretexto das práticas revolucionárias adotadas por Ernesto Che Guevara em Sierra Maestra<sup>51</sup>, a revolução social seria biófila, criadora de vida, ainda que para que tal criação se

---

<sup>50</sup> Para um debate mais amplo a respeito, ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

<sup>51</sup> As práticas revolucionárias às quais se refere Paulo Freire são as táticas de guerrilha utilizadas por Che Guevara em Sierra Maestra, durante a luta dos revolucionários contra o governo do ditador cubano Fulgêncio Batista, durante os acontecimentos do que ficou conhecido como Revolução Cubana, em 1959, tido como um dos impulsionadores dos movimentos de esquerda na América Latina.

efetivasse, houvesse necessidade de deter-se as vidas que proíbem a vida<sup>52</sup>:

Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma “morte em vida”. E a “morte em vida” é exatamente a vida proibida de ser vida.

Acreditamos não ser necessário sequer usar dados estatísticos para mostrar quantos, no Brasil e na América Latina em geral, são “mortos em vida”, são “sombras” de gente, homens, mulheres, meninos, desesperançosos e submetidos a uma permanente “guerra invisível” em que o pouco de vida que lhes resta vai sendo devorado pela tuberculose, pela esquistossomose, pela diarreia infantil, por mil enfermidades de miséria, muitas das quais a alienação chama de “doenças tropicais”.<sup>53</sup>

Potencialmente político, o discurso de Paulo Freire, que, desde meados 1961, trabalharia, sob a ótica de liderança de Dom Eugênio Sales, então Arcebispo de Natal, e da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), com um conjunto de outros intelectuais, tais como Jomard Muniz de Britto, na conformação do Movimento de Educação de Base (MEB), evidenciava um devir maior para o povo nordestino a partir de sua realidade local de miséria, a ser superada pelos signos da educação e pela cultura. Trata Freire, tanto nesse texto quanto em sua tese, *Educação e atualidade brasileira*<sup>54</sup>, de um estrato do Brasil que, embora localizado, deseja externar-se como um pensamento sobre a realidade social de um continente, entendido por

---

<sup>52</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 233.

<sup>53</sup> Ibid.

<sup>54</sup> FREIRE, Paulo Reglus Neves. *Educação e atualidade brasileira*. 1959. 111 p. Tese (Concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco) – Escola de Belas-Artes de Pernambuco, Recife.

ele como um espaço que se criou destinado à submissão, mas não à aceitação da mesma.

### *Considerações finais*

Num sentido ainda mais amplo, e tendo em vista essas questões, as obras de Ariano Suassuna e Paulo Freire, apesar de partirem de estruturas de sentido e lugares de fala sensivelmente diferentes, representariam, privilegiadamente, um sentimento de Nordeste e de Brasil cujo reflexo, no âmbito das práticas e políticas culturais, seria a construção de discursos, vontades de verdades e interditos. Confirmaria, além disso, o apontado anteriormente, no que tange à relação entre a obra de Ariano Suassuna e Gilberto Freyre: entre elas, torna-se difícil, quase incongruente, aplicar os conceitos tradicionais de *direita* e *esquerda*, uma vez que estas ideologias políticas apareceriam dissolvidas em outras subjetividades, outras dizibilidades que a extrapolavam.

Uma pretensa direita conservadora, à qual se vinculava a lusotropicalologia freyreana, uma autoproclamada esquerda marxista e militante à qual pertenciam sujeitos como Caio Prado Júnior e Florestan Fernandes, e uma esquerda regionalista, como talvez podemos chamar as práticas socioculturais do Movimento de Educação de Base de Paulo Freire e dos grupos culturais ligados a Ariano Suassuna, atenderiam, conjuntamente, a tentativas de demarcar espaço no âmbito de

instituições de saber e poder, estabelecendo conexões intempestivas, nem sempre fieis a certas formas de dizer e pensar as ideologias da cultura brasileira. Igualmente híbridos, inclassificáveis em termos ideológicos binários se encontram os tropicalistas, que, no final da década de 1960, também tentariam estabelecer seu olhar sobre o Brasil e a cultura brasileira, estabelecendo questionamentos a respeito do Brasil.

## REFERÊNCIAS

### *Fontes*

ADRIANO, Carlos. O último dândi. In: BRITTO, Jomard Muniz de. *Encontros*. Organização: Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013. p. 188-195.

BRASIL. Decreto-Lei nº 74, de 21 de novembro de 1966.

FREYRE, Gilberto. Instituto Joaquim Nabuco. *Cultura*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 13, jul. 1968, p. 46-49.

FREYRE, Gilberto. *Isto é Nordeste*. Curitiba: Coordenação Regional do Nordeste do Diretório Nacional dos Estudantes, 1966. Grifo nosso.

FREYRE, Gilberto. Negritude, mística sem lugar no Brasil. *Boletim do Conselho Federal de Cultura*, Rio de Janeiro, a. 1, n. 2, abr-jun. 1971. p. 16.

FREYRE, Gilberto. Norte Nordeste e Sul na formação brasileira. *Problemas brasileiros*, São Paulo, v. 14, n. 153, 1976.

FREYRE, Gilberto. Norte, Nordeste e Sul na formação brasileira. *Problemas brasileiros*, São Paulo, v. 14, n. 153, 1976.

FREYRE, Gilberto. *O Recife e a revolução de 1964*. Recife: [s. ed.], 1964.

FREYRE, Gilberto. O Seminário de Tropicologia. *Diário de Pernambuco*, Recife, 18 dez. 1966.

FREYRE, Gilberto. Seminário de Tropicologia. *Cultura – CFC*, Rio de Janeiro, n. 3, v. 25, jul. 1969, p. 35.

FREYRE, Gilberto. *Um novo tipo de seminário (Tannembaum) em desenvolvimento na Universidade de Columbia: conveniência da introdução de sua sistemática na Universidade Federal de Pernambuco*. Recife: Imprensa Universitária, 1966.

ROMERO, Sylvio Romero. *Cantos populares do Brasil*. v. I. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1883.

### *Bibliografia*

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e contar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Mariana; PARENTE, Temis Gomes (Org.). *História e sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006.

ANDRADE, Oswald de. *Obras completas: do pau-brasil à antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

CALABRE, Lia. Intelectuais e política cultural: o Conselho Federal de Cultura. *Atas do Colóquio Intelectuais, Cultura e Política no Mundo Ibero-Americano*. Rio de Janeiro: Intellèctus, ano 05, v. II, 17-18 maio 2006.



CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. *Cor e mobilidade social em Florianópolis: aspectos das relações entre negros e brancos numa comunidade no Brasil Meridional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões: campanha de Canudos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Caio Prado Jr.: dialética e concretude da experiência histórica. In: NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos; GONÇALVES, Adelaide (Org.). *Caio Prado Jr.: legado de um saber-fazer histórico*. São Paulo: HUCITEC, 2013.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. v. I. O legado da raça branca. São Paulo: Global, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. v. IV. Estratégia, poder-saber. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. *Educação e atualidade brasileira*. 1959. 111 p. Tese (Concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação na Escola de Belas-Artes de Pernambuco) – Escola de Belas-Artes de Pernambuco, Recife.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p. 233.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: uma contribuição para a semântica dos tempos históricos*. Tradução: Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

LACAN, Jacques. *O seminário*. v. 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução: Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOTA, Carlos Guilherme. Cultura brasileira ou cultura republicana? *Estudos Avançados*, n. 4, v. 8, 1990.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. São Paulo: Editora 34, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 29.

PAZ, Vanessa Carneiro da. *Encontros em defesa da cultura nacional: o Conselho Federal de Cultura e a regionalização da cultura na ditadura civil-militar (1966-1976)*. 2011. 140 p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

PRADO JÚNIOR, Caio. A revolução brasileira. In: PRADO JÚNIOR, Caio; FERNANDES, Florestan. *Clássicos sobre a revolução brasileira*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo I. Tradução: Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade revolucionária: um século de cultura e política*. São Paulo: UNESP, 2010. p. 13.

SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. Tradução: Rubia Prates Goldini e Sérgio Molina. São Paulo: EDUSP, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.